

Literatura infantil e relações de gênero: o tema do amor romântico

Jane Felipe¹
Suyan Ferreira²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir e problematizar o tema do amor romântico na literatura infantil, a partir do aporte teórico das Relações de Gênero e dos Estudos Culturais. O conceito de gênero, difundido a partir da década de 80 do século XX, procura questionar a ideia de essência ou de uma natureza capaz de explicar os comportamentos masculinos e femininos. A ênfase recai nos aspectos históricos, sociais e culturais, que intencionam delinear os comportamentos de homens e mulheres, em função das expectativas construídas para ambos, em determinada sociedade e em um tempo. Inicialmente, discutimos aspectos ligados à literatura infantil como dispositivo cultural. Em um segundo momento, trazemos informações a respeito da metodologia utilizada para a realização da pesquisa e, por fim, analisamos uma das obras pesquisadas concentrando-nos na forma como tal temática é apresentada, considerando os textos verbais e imagéticos, na tentativa de perceber de que maneiras as relações amorosas românticas são apresentadas para o público infantil, implicando de forma direta na constituição relacional de gêneros.

Palavras-chave: Amor romântico. Literatura Infantil. Relações de gênero.

Children's literature and gender relations: romantic love theme

ABSTRACT

This paper aims to discuss and problematise the romantic love theme in children's literature on the basis of Gender Relations and Cultural Studies. The concept of gender, disseminated from the 1980s on, seeks to question the idea of essence or a nature that can explain male and female behaviour. We lay emphasis on historic, social and cultural aspects trying to shape male and female behaviour, based on expectations constructed for both in a particular society and time. First, we discuss aspects about English literature as a cultural artefact. Second, we provide information about the methodology used in the research. Third, we analyse one of the investigated works by stressing on how the subject is introduced, considering

¹ Pós-doutora em Cultura Visual pela Universidade de Barcelona (UB). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de Graduação e Pós-Graduação na Faculdade de Educação da UFRGS. E-mail: nana_felipe@yahoo.com.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de Graduação e Pós-Graduação das Faculdades Porto-Alegrense (FAPA).

texts and images to find out how romantic relations are introduced for children affecting directly gender relations.

Keywords: Romantic love. Children's literature. Gender relations.

UM SENTIMENTO ARREBATADOR

O amor tem feito coisas
Que até mesmo Deus duvida
Já curou desenganados
Já fechou tanta ferida

O amor junta os pedaços
Quando um coração se quebra
Mesmo que seja de aço
Mesmo que seja de pedra
Fica tão cicatrizado
Que ninguém diz que é colado

Foi assim que fez em mim
Foi assim que fez em mim
Esse amor iluminado.

(Música *Iluminados*, Vitor Martins e Ivan Lins)

Ah, o amor, esse sentimento arrebatador, fascinante, perturbador, poderoso, tão cantado em verso e prosa, tema da literatura universal. Tão propagado e exaustivamente discutido, a preocupação com as relações amorosas românticas não é privilégio da literatura infantil. Nota-se a presença recorrente delas em outros artefatos culturais como jornais, revistas, músicas, filmes, novelas e outros programas de entretenimento, gerando discussões apaixonadas ou controversas. Além disso, percebe-se na tradição oral o discurso suscitante dirigido aos casais (e não só a eles), salientando e reforçando as práticas amorosas socialmente esperadas. Dessa forma, aqueles sujeitos que não se alinham a tais expectativas, são vistos com certo estranhamento pelos demais. Ou ainda, aqueles que não se adéquam a tais padrões podem se sentir a margem da cultura na qual estão inseridos.

Desde a mais tenra infância nos deparamos com histórias mirabolantes de amores eternos, relacionamentos bem sucedidos, ou que sempre acabam bem ao final, apesar de alguns percalços pelo meio do caminho (as histórias

dos contos de fadas são exemplares nisso). Crescemos acreditando nesse sentimento tão mágico, capaz de transformar o outro, objeto do nosso amor, pra quem dedicamos nossas maiores energias e atenções. Também nos sentimos transformadas/os pelo amor que em nós se instala em algum momento de nossas vidas. Se tivermos a sorte de sermos correspondidas/os, teremos um grande desafio, qual seja, de manejarmos o sentimento amoroso dentro de um relacionamento afetivo-sexual, pautado por regras e convenções sociais: juras de amor eterno, pactos de fidelidade, cumprimento de rituais (namoro, noivado, casamento, com troca de alianças, testemunhas da união ou quaisquer outras formas de publicizar a relação), projetos em comum, compromissos familiares, dentre outros.

O presente artigo tem por objetivo discutir e problematizar o tema do amor romântico na literatura infantil, a partir do aporte teórico das Relações de Gênero e dos Estudos Culturais. O conceito de gênero, difundido a partir da década de 80 do século XX, procura questionar a ideia de essência ou de uma natureza capaz de explicar os comportamentos masculinos e femininos (SCOTT, 1995; LOURO, 1997). A ênfase recai nos aspectos históricos, sociais e culturais, que intencionam delinear os comportamentos de homens e mulheres, em função das expectativas construídas para ambos, em determinada sociedade e em um tempo. Os Estudos Culturais, por sua vez, “dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos”, lembrando que a cultura não é um campo neutro, mas um local onde as diferenças e lutas sociais são constantemente produzidas (SILVA, 1999, p. 25).

LITERATURA INFANTIL: UM BREVE HISTÓRICO

A literatura infantil, seguindo os preceitos da literatura geral, surge como gênero específico em meados do século XVII, época em que houve mudanças na estrutura da sociedade européia, com a ascensão da família burguesa. A emergência dessa literatura associa-se, desde as origens, a uma função utilitário-pedagógica, já que as histórias eram produzidas para se converterem em divulgadoras dos novos ideais burgueses. Como lembra Teresa Colomer (2003), só a partir de meados do século XVIII foi que a literatura passou a ter significados parecidos com os atuais e começou a cumprir novos papéis na vida das sociedades, representando diferentes grupos e expressando, de diferentes formas, o mundo e o lugar das pessoas nele. Contudo, Rosa Silveira (2003, p.3) observa o seguinte:

ainda que a chamada renovação da literatura infanto-juvenil das últimas décadas tenha se colocado sob a égide do abandono do padrão pedagógico explícito, padrão que se manifestava abertamente em lições de moral e em um maniqueísmo de caracteres, por exemplo, é evidente que as “novas” obras, como quaisquer produtos culturais, também são produzidas dentro de contextos, valores, quadros de referências e verdades em que seus autores e autoras se situam, os quais podem ser (ou não) compartilhados por pais, mães, professores/as, psicólogos, ativistas de movimentos sociais em favor de determinadas minorias, representantes das próprias minorias, etc. (grifos da autora)

Também, simultaneamente, foi em meados do século XVIII que a criança passou a ser considerada diferente do adulto, com necessidades e características próprias, logo, deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Contudo, até bem pouco tempo, a literatura infantil era considerada como um gênero literário secundário, vista pelo adulto como algo pueril ou útil (entretenimento), pois a menoridade da infância associou-se à menoridade da produção literária, no interior desse campo cultural. A valorização dessa literatura como gênero literário em excelência, dirigido ao público infantil dentro da vida cultural das sociedades, é bem recente e ainda precária. Inclusive, ainda os autores de tais obras precisam preocupar-se em

(...) resolver a contradição que supõe a criação de textos que, embora destinados às crianças, são sancionados pelos adultos. Essa “dupla destinação” ou dupla função – agradar as crianças e ser aprovada pelos adultos – possivelmente está na raiz da emergência, entre alguns livros infanto-juvenis mais recentes, de temáticas candentes no tecido social, como a questão ecológica, questões de violência e, no que aqui nos interessa, na problematização da dicotomia tradicional e fixa de gênero. (SILVEIRA, 2006, p.2) (grifo da autora).

Com o ingresso no século XX e a ebulição de transformações maciças nos âmbitos sociais, culturais, econômicos, a literatura infantil, como artefato representativo de determinados momentos de uma sociedade, também sofreu mudanças. Esse século foi considerado em diferentes instâncias sociais, seja na

medicina, na psicologia, na educação, na sociologia, na religião, como o 'século da criança'. É evidente a inquietação que a infância causou na cultura contemporânea, no sentido de diferenciação e singularidade em relação ao adulto, sendo criado, juntamente a essa nova imagem, um mercado de artefatos, moda, brinquedos, espaços, alicerçados na ideia de um universo com características próprias. Embora a concepção de infância como a entendemos hoje resulte de uma longa construção histórica, foi no século passado que ela ganhou contornos mais precisos e definidos, tornando-se, de um lado, alvo de um conjunto de políticas de proteção e amparo e, por outro, público de uma maciça produção cultural.

A literatura infantil, entendida como produção específica para tal período de vida e diferenciada da produção destinada ao/a leitor/a adulto/a, alicerça-se em tal concepção. A construção desse gênero literário só se fez possível em nossa cultura na medida em que se percebeu a necessidade de um texto próprio que conferia ao leitor infantil uma especificidade. Ao longo do processo histórico de elaboração da literatura infantil brasileira, os/as autores/as não apenas constituíram as identidades desse gênero literário como também legitimaram as identidades dos/as leitores/as, ou seja, ao definir e caracterizar a especificidade dessa produção literária produziu-se também uma representação de infância e de leitor/a infantil. De maneira particular, a literatura infantil foi-se definindo historicamente e, ao produzir a cultura e sendo produzida por ela, carregava representações das mais variadas instâncias sociais corroborando ou extraindo o desejável ou indesejável do/a leitor/a infantil.

Adentrando a última década do século XX, com o mercado editorial em expansão, com novas e diferentes concepções de infância se difundindo na sociedade brasileira, com a preocupação dos escritores em tratar de questões que problematizam conceitos absolutos, as editoras publicam inúmeras obras de autores variados, resultando, assim, em uma ampla oferta, no mercado livreiro, de títulos literários infantis, o que não significa, entretanto, qualidade e originalidade de todas essas obras.

Dessa forma, reitera-se mais uma vez que a literatura infantil como artefato cultural representativo de uma sociedade em certo tempo e lugar está imbricada em um processo social de (re) significação. A respeito disso Marisa Lajolo (2001, p.35) afirma que

a literatura pode ser entendida como uma situação especial de uso de linguagem que, por meio de diferentes recursos, sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança entre o ser e o nome e, no limite, a irredutibilidade e a permeabilidade de cada ser.

Essa ‘situação especial’, que acontece em diferentes lugares e épocas, envolvendo pessoas diferentes é, portanto, relativa e provisória. A autora afirma que a literariedade ou não de um texto vem de juízos de uma determinada época, pois o que pode ser literatura em um determinado momento e lugar em outros tempos pode ser considerado um rele registro escrito. Portanto, a primeira condição é haver alguém que escreva e outro que leia. Essa interação é fundamental para se concretizar a situação de uso. Assim, a literatura não tem sentido nela mesma, mas depende do ‘olhar’ de quem a lê e não apenas da intenção de quem a escreve. Quando acontece uma interpretação (entre várias possíveis), o sujeito leitor utiliza esquemas próprios de leitura conforme sua percepção de mundo, tempo, vivências, etc. A opinião, o ponto de vista, a forma como são observados determinados aspectos, configura o grupo do qual se faz parte, identifica ao mesmo tempo em que individualiza, pois interpretação não é a busca de um sentido único, mas sim, de um sentido possível atribuído por alguém para algo em um dado momento.

MASCULINIDADES, FEMINILIDADES E RELAÇÕES AMOROSAS NOS LIVROS

Os livros de literatura infantil sempre foram e continuam sendo artefatos culturais e, como tais, carregam uma gama de significados que reforçam a cultura de certo tempo e lugar. Dentre esses significados estão as representações de masculinidades e feminilidades e, no caso específico deste artigo, as relações amorosas na literatura infantil contemporânea, que podem ser questionadas e problematizadas pelo público leitor sobre as constituições apresentadas nos respectivos enredos.

Ao mesmo tempo em que as obras legitimam comportamentos, modos de agir, de vestir, de se relacionar, considerados mais tradicionais, também exibem diferentes maneiras do sujeito se constituir, permitindo com isso, espaço na literatura infantil, para outras formas de representações de gênero e de relações amorosas. Nesse sentido, encontramos algumas obras nas histórias

infantis contemporâneas que versam sobre situações do cotidiano, tais como: separação, divórcio e a satisfação pelo fato de ser solteira.

A abordagem analítica aqui proposta concentra-se na forma como esses temas são apresentados em tais histórias, considerando os textos verbais e imagéticos, na tentativa de perceber de que maneiras as relações amorosas românticas são apresentadas para o público infantil, implicando de forma direta na constituição relacional de gêneros. Nesse caminho, é preciso referir que se trata de mais uma tentativa de interpretação mediante tantas outras possíveis. Também não temos a pretensão de abordar todos os aspectos para os quais as obras se prestam, pois o que se quer aqui é desacomodar os/as leitores/as a respeito das práticas sociais aceitas e consideradas como naturais.

A partir da investigação e catalogação de livros de literatura infantil³, editados a partir da década de 1990 até 2008, de editoras variadas e que contemplassem as relações amorosas românticas entre seres humanos, chegamos a uma listagem de cinquenta e nove títulos. Para efeitos de análise, restringimos a dezessete títulos, observando os seguintes critérios: os mais vendidos nas diferentes editoras, os que abordavam as ‘novas’ formas de relações amorosas, dentre elas o divórcio e o estado de solteira/o, e aquelas histórias cujo enredo se prestava para uma análise substancial.

No quadro abaixo, temos a relação de livros analisados:

| | TÍTULO | AUTOR | EDITORIA | ANO |
|---|--------------------------------|---------------------------|--------------------|------|
| 1 | A Princesa Sabichona* | Babette Cole | Martins Fontes | 1998 |
| 2 | O pernilongo apaixonado | Liliana e Michele Iacocca | Ática | 2004 |
| 3 | O casamento de Carla e Cláudio | Yana Tassis | FTD | 2002 |
| 4 | Beijo, não! | Tatiana Belinky | Quinteto Editorial | 1997 |

³ Os dados apresentados nesta seção fazem parte da pesquisa desenvolvida por Suyan Pires (2009) em sua tese de doutorado intitulada “*Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais*”: o amor romântico na literatura infantil, orientada pela Profª Drª Jane Felipe. As obras indicadas pelas editoras são voltadas às crianças até a 4ª série do Ensino Fundamental.

| | | | | |
|----|------------------------------------|----------------------------------|--------------------|------|
| 5 | Vira-lata e Pá-virada | Cristina Porto e Michele Iacocca | FTD | 1997 |
| 6 | A cama Cobertina | Sylvia Orthof | Quinteto Editorial | 1990 |
| 7 | Dois de cada* | Babette Cole | Ática | 1998 |
| 8 | Um amor grande demais* | Yolanda Reyes | FTD | 1999 |
| 9 | Pedroca e Maria | Helme Heine | Ática | 1996 |
| 10 | Frida * | Yolanda Reyes | FTD | 1999 |
| 11 | Leo e Albertina* | Christine Davenier | Brinque Book | 1999 |
| 12 | Como mamãe e papai se apaixonaram* | Katharina Grossmann-Henssel | Scipione | 2008 |
| 13 | Divina Albertina* | Christine Davenier | Brinque Book | 2008 |
| 14 | Namorados de muitos jeitos | Evoluir Cultural | Evoluir | 2006 |
| 15 | Pela porta do coração | Regina Coeli Rennó | FTD | 1997 |
| 16 | Cupido* | Babette Cole | Cia das Letrinhas | 2005 |
| 17 | Boi Cavaco e Vaca Valsa | Cristina Porto e Michele Iacocca | FTD | 1995 |

A maioria dessas obras⁴ se destina a leitores iniciantes, uma vez que apresentam um predomínio de ilustrações e pouco texto (livros 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 11, 13, 14, 16 e 17), enquanto as demais apresentam textos mais longos e fabulação mais detalhada e, portanto, exigem leitores/as de ampliada competência letrada (livros 4, 8, 10 e 12). Somente o livro nº 15 constitui-se sem texto verbal, apenas imagético.

Nosso objetivo consiste em apresentar uma descrição de tais discursos bem como algumas possíveis interpretações e leituras dos mesmos, verificando como e quais identidades são reforçadas e legitimadas a partir das imagens e

⁴ Os títulos em asteriscos indicam livros que foram traduzidos para o português.

dos textos, sob a perspectiva dos estudos das relações de gênero e priorizando as formas como as relações amorosas contemporâneas se apresentam.

Em relação às categorias de análise, o critério de instituição dos mesmos dependeu dos aspectos que cada enredo continha, ou seja, após a leitura das histórias, foi possível encontrar algumas características recorrentes, a saber, a idealização do amor romântico como superação de dificuldades/problemas, como estado de completude, como instrumento de transformação do outro, a paixão como um sentimento arrebatador à primeira vista e o casamento como ápice da relação amorosa. Também foi possível encontrar obras que enfatizavam a possibilidade de estar feliz solteira/o, enaltecendo as vantagens de estar sozinha/o, a ideia de finitude da relação amorosa (foi bom enquanto durou ou que seja infinito enquanto dure). Por último encontramos também a interessante discussão proposta por Babette Cole (1998), no livro *Dois de cada*, em que um casal passa a viver felizes para sempre, bem longe um do outro, depois da festa de descasamento, proposta pelos filhos!

Ressaltamos aqui a importância de pensarmos sobre como as relações amorosas românticas são apresentadas nas obras literárias, considerando, porém as diferentes possibilidades de interpretação. Devemos, no entanto, ressaltar que não é possível reduzir o valor de uma obra à apenas um único tema, pois mesmo existindo uma temática central, há diversas possibilidades de interpretação e de significado de uma história.

Nos limites deste texto, passaremos a analisar mais detidamente a obra de Katharina Grossmann-Hensel (2008).

COMO MAMÃE E PAPAÍ SE APAIXONARAM...

Como mamãe e papai se apaixonaram conta a história de vida de um casal antes e depois de se conhecerem. O enredo mostra uma cena na qual o amor romântico soluciona a dificuldade que mamãe tem em vender os vestidos coloridos que produz, pois é muito desorganizada, e do supermercado de papai em receber clientes, pois ele é extremamente organizado e só vende coisas em preto e branco. Após a conquista, os dois passam a perceber a necessidade de alcançar um ‘meio termo’ e reparam na característica do outro como qualidade pessoal, embora antes de se conhecerem, considerassem tais características um defeito. Temos aqui a ideia de completude que o amor aciona, popularmente propagada através de expressões como ‘metade da laranja’, ‘tampa da panela’,

‘almas gêmeas’, etc. (FELIPE, 2007). No livro em questão o casal busca em seu/a parceiro/a as qualidades que não possui justificando o equilíbrio da relação. Após a referida escolha, os negócios do casal vão de ‘vento em pompa’, certificando-se assim, que o amor romântico propiciou o sucesso.

Contudo, Costa (1998, p.171) pondera essa tal ‘irracionalidade’ amorosa, afirmando que ela não é tão irracional assim quando diz, pois

o amor não é uma emoção virgem, capaz de vencer qualquer barreira sociocultural para atingir suas finalidades. Em geral, ama-se pessoas cujos padrões estéticos, situação de classe, pertencimento étnico ou racial, condição econômica, crença religiosa ou convicções políticas preenchem as expectativas do candidato do amor.

Dessa forma, a lógica da racionalidade amorosa fica abalada, pois o amor violador, desvinculado da realidade social dos apaixonados é mais uma idealização no gerenciamento do amor romântico. Atraímos-nos e nos apaixonamos por determinadas pessoas, mas até confirmar o dito popular ‘os opostos se atraem’ contrariando convencionalismos de raça, religião, situação econômico-social, há muita distância. “Dito de outra maneira, a paixão amorosa, de hábito, é bem mais comportada do ponto de vista sentimental e bem mais conformista, do ponto de vista social, do que o romantismo retrata”. (COSTA, 1998, p. 171)

O livro aqui analisado traz também a ideia de completude quando, na cena da paixão, mamãe sentia-se tão leve que seus pés se ergueram do solo. Papai também começou a flutuar. (...) uma nuvem rosa veio voando na direção deles. Ela chegou bem juntinho dele e deu-lhe um longo beijo. Agora papai também compreendia o que estava se passando. Ao observarmos essa cena idílica fica claro que os protagonistas ignoram todos os demais sobrevoando a cidade em cima de uma nuvem dando a impressão de leveza, tranquilidade e autossuficiência. É como se os carros, as demais pessoas, o trânsito, a cidade, enfim, todos fossem totalmente dispensáveis à vida do casal, uma vez que eles têm um ao outro.

Tal representação visual suscita o questionamento de Costa (1998, p.191) a respeito dessa temática quando pergunta como

podemos traçar a linha de demarcação entre o “objeto singular do amor” e os objetos afetivamente irrelevantes, sem fetichizá-lo ou idolatrá-lo? Qual é a diferença afetiva ou ontológica entre “amar ativamente um determinado objeto” e “fetichizar passivamente o objeto do amor-paixão romântico”? De que critérios dispomos, no universo das paixões alegres e da atividade, para distinguir o amor de outra emoção semelhante? (...) se é um procedimento emotivo, que procedimento poderia ser senão o próprio ato de amar? Se aceitamos isso, entretanto, voltamos ao ponto de partida: como singularizar o objeto de amor sem fetichizá-lo? (grifos do autor).

Com isso pode-se apregoar que o objeto de amor pode ser único, singular, especial, para o amante, mas não necessariamente requer o poder sobrenatural e mágico que o fetiche ocasiona. Portanto, torna-se preciso distanciar exclusividade de prestar culto, as quais são entendidas como palavras heterônimas no discurso da materialização do amor romântico.

O apaixonamento se dá também de súbito, na virada de uma esquina, o encontram. Os dois levantaram a cabeça e viram um ao outro. *Papai ficou um pouco vermelho e mamãe, um pouco pálida. Antes de mais nada, preciso de um café!, exclamou ela.* Após tal acontecimento, os dois começaram a se interessar por coisas antes desconsideradas, como por exemplo, ter chamado a atenção de papai o vestido colorido de mamãe e chamado a atenção de mamãe o avental passado e sem nenhuma mancha de papai. Também os protagonistas não compreendem os diversos sentimentos e comportamentos seus após esse momento, chegando a procurar um médico, pois desconfiam que estejam doentes. – *O que está acontecendo comigo? se perguntava mamãe. “Alguma coisa eu tenho”, pensavam os dois. Mas o que poderia ser? (p.19 e 20).* O médico, depois de examiná-los, diagnostica a doença e prescreve que para combater o vírus é necessário que trabalhem juntos e tomem muito ar fresco.

Além de estar presente no enredo dessa obra características do amor romântico como: doença, magia, completude, enamoramento à primeira vista, superação de dificuldades, apresentamos o *destino* como um aspecto ainda não discutido.

Na Mitologia Grega, *Destino*⁵ era possuidor de um poder extraordinário que nada nem ninguém conseguiam combatê-lo. Não restava outra opção aos deuses do que ficar à mercê das decisões dele.

Resguardadas as devidas proporções, ainda nos dias atuais escutam confissões do tipo: ‘foi o destino quem quis assim’, ‘se é para ser teu, nem o destino tira’, ‘cada um tem um destino’ a fim de justificarem determinados acontecimentos nas vidas das pessoas. Então, quando se trata amor e do relacionamento amoroso, parece que tais crenças são mais enfatizadas: ‘*estou esperando o que o destino me reserva*’, ‘*o destino fez a gente se encontrar*’.

Na opinião de Bauman (2004, p. 21) o que faz o amor parecer um capricho do destino é justamente o desconhecimento mútuo dos apaixonados do seu objeto de amor, pois “em todo o amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro”. Na concepção desse autor, definitivamente não está aderida a ideia de sermos reféns do destino, mas pode-se traçar um ponto em comum, mesmo que mínimo com a Mitologia, quando, tanto um quanto o outro, se refere ao enigma que cada ser traz junto de si e faz uso disso na relação amorosa.

Na obra analisada aqui, não há o momento tradicional de um casamento, mas a fala no narrador, que é o próprio filho do casal, na última cena e as imagens que a acompanham – foto da mãe grávida, do casal com o filho recém-nascido, do casal flutuando em cima das nuvens – deixam claro que eles moram juntos e que a união aconteceu de forma *linear*, pois se eles se conheceram e se apaixonaram nada mais ‘compreensível’ que se casassem e tivessem um filho como coroamento da relação. Nesse sentido, é como se não houvesse outra possibilidade para as pessoas que se gostam, diferente de morar junto e ter filho. Como aponta Rios (2004, s/p)⁶, ao afirmar que

⁵ O Destino é uma divindade cega, inexorável nascida da Noite e do Caos. Todas as outras divindades estavam submetidas ao seu poder. Os céus, a terra, o mar e os infernos faziam parte do seu império: o que resolvia era irrevogável. Em resumo, o Destino era por si mesmo essa fatalidade, segundo a qual tudo acontecia no mundo. Júpiter, o mais poderoso dos deuses, não pôde aplacar o Destino, nem a favor dos outros deuses, nem a favor dos homens. Capturado em <http://www.mundodosfilosofos.com.br/caos.htm> em 02/02/09.

⁶ <http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=1220&idAreaSel=5&seeArt=yes>
Capturado em 04/02/2009.

num contexto político dominado por uma visão de mundo onde os gêneros estão rigidamente definidos e orientados para as necessidades de produção e para o fortalecimento de certos padrões morais confirmatórios desta cosmovisão, não há espaço para aceitação de qualquer espécie de relacionamento destoante do padrão desenhado pela família institucional.

É enfatizado que os dois são muito solitários e que procuram alguém que os compreendam. Os protagonistas somente conseguem ser felizes quando conhecem um ao outro e se utilizam das características do amado(a) para viverem melhor e obterem sucesso nas vendas de seus produtos. Inclusive, papai afirma que *tudo está muito mais belo do que antes*, referindo-se ao mundo, depois que conheceu mamãe.

Destaca-se na obra analisada o sentimento de solidão como algo a ser combatido através da relação amorosa. É ratificado no discurso em torno do amor que a intenção primeira de você encontrar uma parceria é livrar-se do estigma da solidão. Frases do tipo *‘é bom ter alguém ao nosso lado’* e *‘é bom contar com alguém na velhice para te acompanhar’* são constantemente reincididas nas conversas informais ou até mesmo em revistas populares de aconselhamento ou autoajuda, como discorre Alves (2005, p.60):

As revistas femininas, num todo, ou em algumas de suas seções, refletindo os novos modelos de relações conjugais, de afetividade e conquista, passam a difundir a ideia de que as mulheres precisam manter-se atraentes para conservar seus maridos. Ensinam cuidados de beleza, higiene, dietética e vestuário. Discutem educação de filhos, religião, família, amor, apresentam seções de astrologia e cuidam do grande interesse por sexo, face à suposta “ignorância” das mulheres acerca dos seus corpos.

Em contrapartida, também já ouvimos por diversas vezes a expressão popular ‘antes só do que mal acompanhado/a’ referindo-se a preferência em estar *só* do que com alguém que não ‘valha à pena’. Dessa forma, alguns argumentos já têm sido construídos em nossos dias a respeito da possibilidade de se optar em viver só e viver feliz, não sendo necessário estar colada a essa situação a ideia de um/a companheiro/a constante em nossas vidas. Resta saber se os/as autores/as de obras literárias voltadas para o público infantil estão dispostos/as a colocar esse tema em discussão.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vera Lucia Pereira. *Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de auto-ajuda*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (trad. Carlos Alberto Medeiros)
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003. (trad. Laura Sandroni)
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FELIPE, Jane. *Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade*. CD ROM. Seminário “Corpo, Sexualidade e Gênero”: discutindo práticas educativas. Porto Alegre: maio de 2007.
- GROSSMANN-HENSSEL, Katharina. *Como papai e mamãe se apaixonaram*. São Paulo: Scipione, 2008.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: Leitores & Leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, jul/dez, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *Nas Tramas da Literatura Infantil: Olhares sobre Personagens “Diferentes”*. CD-Rom. II Seminário Internacional Educação intercultural, gênero e movimentos sociais. Florianópolis: Rede Rizoma, 2003. p.1-13.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SANTOS, Cláudia Amaral dos. *A problematização do gênero na literatura infantil: um estudo de caso no contexto brasileiro*. Cd-Rom. Atas do 2º Congresso Internacional Criança, língua, imaginário e texto literário. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2006. p.1-9.